

Alguns Aspectos da Ergatividade em Bakairi (Karib)

**(Somes Aspects about Ergativity in The Bakairi Language
(Karibbean Family))**

Tania Conceição Clemente de Souza*

MUSEU NACIONAL (MN)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

RESUMO

O propósito deste trabalho é o de arrolar aspectos de diferentes naturezas que reafirmam o Bakairi como língua ergativa. Buscamos sustentar nossa análise em dados de base morfológica e sintática, considerando que a natureza da ergatividade em Bakairi não se expressa em marcas nominais de Caso. Dado recorrente em nossa análise, está, assim, o argumento em favor de um funcionamento morfossintático que se institui em função de um padrão de ergatividade estrutural, e não apenas morfológica. Nesse padrão estrutural, registramos a presença de um núcleo funcional (v-zinho) relacionado à transitividade de sentenças na língua.

PALAVRAS-CHAVE

Ergatividade. Morfossintaxe. Língua Bakairi. Família Karib.

* Sobre a autora ver página 152.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to bring out aspects of different kinds which reaffirm the Bakairi language as an ergative one. Our analysis is based on morphological and syntactic examples, since the Bakairi nature does not express the ergativity through nominal case marks. Therefore, a recurrent fact in our analysis is to reinforce a structural pattern of ergativity, and not only a morphological one. In this structural pattern, we register the presence of a functional head (light v) related to the transitivity of the sentences in the language.

KEYWORDS

Ergativity. Morphosyntax. Bakairi Language; Karibbean Family.

Introdução

A língua Bakairi, filiada ao tronco Karib Sul, é falada por um grupo aproximado de 900 indivíduos, distribuídos em terras Bakairi que se localizam no estado do Mato Grosso (Brasil Central). Nossa análise com a língua Bakairi vem se sedimentando em um *corpus* significativo resultante de sete pesquisas de campo, realizadas no período de 1984 a 1992. A análise desse material tem sido divulgada em vários trabalhos que abrangem desde a fonologia ao discurso.

Nosso propósito no atual trabalho é o de arrolar aspectos de diferentes naturezas que reafirmam o Bakairi como língua ergativa. Buscamos sustentar nossa análise em dados de base morfológica e sintática, considerando-se a natureza da ergatividade em Bakairi, que não se expressa através de marcas nominais de Caso. Como dado recorrente em nossa análise, está, assim, o argumento em favor de um funcionamento morfossintático que se institui em função de um padrão de ergatividade estrutural, e não apenas morfológica.

Ao não se lidar com uma diferença de marcas de Caso no nome - o Caso ergativo e o Caso absoluto -, outras marcas concorrem para a expressão da ergatividade, tais como o sistema de referência de pessoa que se distribui em função do eixo transitividade/intransitividade, evidência primeira de um funcionamento ergativo. Nossos argumentos em favor da ergatividade, porém, não se limitam a descrever a distribuição das marcas

de pessoa, tampouco nos contentamos em falar da ergatividade a partir de uma meia dúzia de frases absolutas (ou independentes), frases que, no Caso, não espelham a complexidade da co-referencialidade, da vinculação, do controle, etc. Fatos dessa ordem, desde já, anunciam nosso direcionamento analítico: pensar a sintaxe nos moldes da Teoria Gerativa. Passemos à descrição do fenômeno na língua.

Razões de ordem morfológica: o sistema de marcas de pessoa

Em nossos trabalhos, temos sustentado que o complexo sistema de marcas de pessoa tem sua distribuição em função do eixo transitividade/intransitividade. No que se refere ao uso dessas marcas, observa-se que o prefixo correspondente ao objeto é idêntico à marca do sujeito dos verbos intransitivos. Por outro lado, nos verbos transitivos, dependendo do tempo e do aspecto verbal, pode-se registrar ou somente a marca do objeto, ou ambas as marcas - a do objeto e a do sujeito do verbo transitivo. Pode-se ter, ainda, tanto com verbos transitivos quanto com verbos intransitivos a ausência de ambas as marcas em construções impessoalizadas e generalizadas. (SOUZA, 1994 entre outros).

No primeiro quadro de marcadores de pessoa abaixo, apresentam-se as marcas dos verbos intransitivos, que são as mesmas usadas na marcação de posse. Esses marcadores atendem à maioria dos verbos de um argumento, sendo esses de qualquer natureza: movimento, mudança de estado, etc.

Quadro 1 - verbos intransitivos

	[-V]	[-C]
1 ^a	y-	u-
2 ^a	m-	∅
3 ^a	n-	ni-
1 ^a exc.	n-	ni-
1 ^a inc.	kiz-	kize-

O outro quadro de marcadores se refere aos verbos transitivos, quando entram em cena dois argumentos - sujeito e objeto -, dos quais apenas o objeto é marcado, excetuando-se a 2^a pessoa e a 1^a inclusiva, ambas podendo exibir uma marcação cindida.

Quadro 2 - verbos transitivos

	Sujeito	Objeto
1 ^a /2 ^a		∅
1 ^a /3 ^a		s-
2 ^a /1 ^a		y-
2 ^a /3 ^a	ma- / m-	∞ s-
3 ^a /1 ^a		y-
3 ^a /2 ^a		∅
3 ^a /3 ^a		n-
1 ^a exc/3 ^a		n-
1 ^a inc/3 ^a	kiz-	∞ s-

Além desses dois quadros, há um terceiro, relativo ainda a verbos transitivos. Nesse último, se faz a previsão de concordância dupla, isto é, o objeto de 3^a pessoa vem sempre marcado por nasal morfológica, expressa unicamente pela nasalidade ¹.

Quadro 3 - verbos transitivos

	Sujeito/objeto	[Sujeito/objeto]
	[- C][e][i]	[- V]
1 ^a /3 ^a	kã-	∅ ~
2 ^a /3 ^a	mã-	m- ~
3 ^a /3 ^a	i~ -	y~

A distribuição nos quadros acima atende, ainda, a uma outra previsão. Além do eixo transitivo/intransitivo, a presença dos marcadores de pessoa ocorre conjugada às marcas de tempo-aspecto. Caso esse condicionamento fosse a única previsão para a distribuição das marcas de pessoa, o traço nasal poderia vir a ser reinterpretado como inerente às próprias marcas de pessoa (que seriam segmentos nasalizados); nessa direção, ficaria descartado o eixo transitivo/intransitivo e o sistema de pessoa em Bakairi atenderia ao padrão nominativo-acusativo e não se estaria prevendo a concordância dupla.

¹ O traço nasal se explica historicamente: em Capistrano de Abreu (1895), encontram-se construções como [kxa -n- egatúli 'eu o narro'], [ma -n- egatúli 'tu o narras'], etc., em que se constata que, junto à raiz verbal, vinham marcas expressas do sujeito e do objeto; comparando-se essas formas com as construções de hoje em dia têm-se respectivamente: kãegatuile, mãegatuile. Atentando-se para o fato de que no Bakairi registra-se uma regra de queda de nasal intervocálica, com nasalização da vogal precedente, as formas do Quadro 3 correspondem, na verdade, a dois marcadores: os segmentos ka~ ~ k-; ma~ ~ m-; y~ ~ i- referem-se ao sujeito de verbo transitivo, enquanto a forma não segmental ~ refere-se ao objeto.

Essa possibilidade de reinterpretação não se sustenta, porém, se a análise da língua se configurar a partir de um exame acurado dos dados e de evidências sustentadas teoricamente.

Os exemplos abaixo² com raízes intransitivas e transitivizadas mostram que a presença do transitivizador *-(n)ã-* faz acionar as marcas de pessoa do Quadro 2, segundo o qual é prevista a concordância com o objeto (exemplo (2)) e as marcas do Quadro 3, aquele que prevê a concordância dupla (exemplos (3) e (4)):

- 1) *y-eka-dai* *peto iwage*
 1^a.su-sentar-passado fogo perto
 ‘Sentei perto do fogo.’
- 2) *s-eka-nã-dai* *yamundo* *peto iwage*
 3^a ob-sentar-trans.-pass. menino fogo perto
 ‘Sentei o menino perto do fogo.’
- 3) *kã-eka-nã-bârâ* *yamundo* *peto iwage*
 1^a/3^a ob-sentar-trans.-pass. menino fogo perto
 ‘Não sentei o menino perto do fogo.’

A importância de dados como os presentes em (1) a (3) caminha em duas direções. Por um lado, a confirmação do eixo transitivo/intransitivo, quando a presença de um transitivizador, ao acionar a concordância dupla ou a concordância com o objeto, ratifica a nossa previsão de que os marcadores se distribuem por esse eixo. Nesse caso específico, não está em jogo a presença diferenciada das marcas de aspecto: com uma mesma marca de aspecto, têm-se os dois sistemas distintos em funcionamento. Logo, não se está lidando aí com um sistema de flexão nominativo-acusativo. Por outro lado, a confirmação da nasal como morfema de 3^a pessoa (objeto ou paciente). Vale assinalar, ainda, a pertinência da distribuição dos marcadores de verbos transitivos que se revelam com total falta de autonomia, pois os mesmos só são selecionados em construções que permitem a concordância dupla.

São essas mesmas construções, determinadas pelas marcas de tempo-aspecto e pela negação, que franqueiam a co-referencialidade e outros

² Dados transcritos em ortografia usada em nossos trabalhos. A acentuação é sempre paroxítona, exceto nas palavras que terminam em ditongo ou nasal, quando são oxítonas. A vogal /o/ é sempre aberta e a vogal /e/ sempre fechada.

movimentos que põem por terra a possibilidade de reinterpretar os marcadores de pessoa fora do eixo transitivo/intransitivo e, ao mesmo tempo, reafirmam o sistema ergativo para o Bakairi, segundo o qual se diferencia o sujeito transitivo do objeto e do sujeito intransitivo, estes igualados com as mesmas marcas.

A	S
	P

Atestar que em Bakairi a marcação de pessoa espelha um padrão ergativo não nos parece razão suficiente para incluir a língua no rol das línguas sintaticamente ergativas. Outras evidências no bojo da sintaxe favorecem também falar de um padrão ergativo.

Razões de ordem sintática: a distribuição de Caso

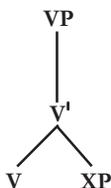
Em Bakairi, como já ficou evidenciado anteriormente, os marcadores de pessoa não compartilham a mesma natureza da flexão verbal em línguas nominativo-acusativas. Enquanto nestas a flexão verbal atribui o Caso nominativo ao sujeito, em Bakairi essas marcas recortam as marcas do sujeito de verbo intransitivo e do objeto direto, versus as marcas de sujeito transitivo. Em termos morfológicos, o *status* dessas marcas é de prefixos. No que se refere à atribuição de Caso, essa se insere no âmbito da configuracionalidade, recobrando a obrigatoriedade de todo SN pleno na estrutura superficial receber caso. Toda posição marcada com Caso deve ser preenchida por um SN pleno, senão fica violado o filtro morfológico. Pelos princípios da Teoria Gerativa, a noção de Caso vem sendo definida como uma cabeça/núcleo funcional, na projeção estendida de V. Em termos gerais, podemos falar de Caso estrutural e Caso inerente; o primeiro como a realização de uma relação *especificador-núcleo* (*Spec-head*), enquanto o segundo, o Caso inerente, estaria associado com marcação temática (*marcação- θ* ; *θ -marking*), ou seja, atribuído por núcleos lexicais (CHOMSKY, 1995). Com base nessa formulação, buscamos descrever a atribuição de Caso em Bakairi.

A hipótese inacusativa

Toda sentença tem sujeito, prevê o Princípio da Projeção Estendido (PPE). Tal princípio conspira para que fenômenos inerentes a essa posição tenham uma realização na sentença. Ponto pacífico é estabelecer que se o verbo tem um argumento externo, este é o que deve ocupar a posição de sujeito. Deixaremos de lado, por ora, o caso do sujeito expletivo e abordaremos o fato de que é possível haver verbos com um só argumento, não sendo esse o argumento externo. Trata-se da possibilidade de se falar de uma classe de verbos denominados inacusativos, cujo único argumento é o interno. Para sustentar essa possibilidade, é necessário explorar a noção de argumento.

Sendo o sintagma verbal (SV) a projeção máxima do verbo (V), se esse tem argumento recebe um papel temático de tal modo que possa existir uma relação biunívoca entre o número de argumentos e papéis. Assim, tradicionalmente temos: (1) um verbo que não dispõe de argumento e, sim, um sujeito expletivo; (2) um verbo com um argumento externo (como por exemplo, trabalhar em português); (3) um VP cujo núcleo é um verbo com previsão de dois argumentos, como os transitivos e (4) um verbo com três argumentos, um externo e dois internos. Fora dessa grade, existe, porém, a configuração de um verbo, não considerado impessoal, com um **argumento interno (XP)** com *status* de sujeito do verbo matriz:

4)



Uma das motivações para a hipótese inacusativa reside no fato de poder ser demonstrada a existência de uma classe de verbos que seleciona argumento interno sem selecionar argumento externo e, portanto, sem atribuir papel temático a essa posição. Dois movimentos são necessários para se demonstrar essa classe de verbo: mostrar que esses verbos existem

e que, embora um SN apareça na posição de um sujeito dessa mesma classe, esse SN não é o argumento externo do verbo. A hipótese inacusativa se aplica a vários tipos de verbo. No momento, interessamos apenas falar dos inacusativos que selecionam SN, aqueles cujo funcionamento acabou, na verdade, referendando a hipótese. Trata-se de verbos monoargumentais do tipo:

- 5) m̃aka n-âti-agi
 ele 3ª su-ir-passado
 ‘Ele foi embora’.
- 6) pepi n-âe-tai
 canoa 3ª su-chegar-passado
 ‘A canoa chegou’.
- 7) pepi n-eti-agi
 canoa 3ª su-afundar-passado
 ‘A canoa afundou’
- 8) xixi n-ãepani-ge-ba ka-wâga
 sol 3ª su-aparecer-verbalizador-neg. céu-em
 ‘O sol não apareceu no céu.’
- 9) juãw n-egase-dai
 3ª su-sair-passado
 ‘João saiu’.
- 10) juãw n-igatu-dai
 3ª su-cantar-passado
 ‘João cantou.’

Em algumas línguas, como o português, essa classe não é uma classe homogênea, ficando a diferença relegada à atribuição de papel temático ao único argumento do VP e à liberdade de mobilidade dos constituintes na sentença. Os verbos ‘cantar’ e ‘chegar’, por exemplo, têm um funcionamento diferente na medida em que o verbo ‘chegar’ permite as ordens SV e VS (‘A carta chegou’ e ‘Chegou a carta’), enquanto para o verbo ‘cantar’ não há essa previsão: somente SV é permitido. Esse fato reafirma a diferença de papéis temáticos entre os argumentos desses dois verbos: o argumento de ‘cantar’ é agente e o de ‘chegar’ é tema.

A mobilidade linear dos argumentos na sentença não se aplica ao Bakairi. A ordem OV, por exemplo, é a posição em que o SN-objeto recebe Caso

abstrato. A posição do objeto antecedendo o verbo é gerada na base, considerando-se que a propriedade temática do item em questão se projeta em todos os níveis. A alternância dessa ordem para VO muda o sentido da frase, passando a mesma a ser entendida como uma pergunta. Logo, OV é uma ordem estruturalmente marcada. Quanto à posição do sujeito intransitivo ou absolutivo, essa é idêntica a do objeto: antecede o verbo. A ordem VS, no caso das orações intransitivas, também acarreta outra interpretação: torna a frase interrogativa³.

Se em Bakairi, a mudança linear não é livre, a distinção entre a natureza de verbos como ‘cantar’ e ‘chegar’ se institui com outro tipo de movimento, no caso, o movimento de clivagem, comum à expressão de várias estruturas complexas em Bakairi, tratadas mais adiante. Por ora, os exemplos abaixo servem para ilustrar a natureza distinta desses dois tipos de verbo.

Enunciados lineares como:

11) a. juãw n-âc-tai
 3ª su-chegar-passado
 ‘João chegou.’

12) a. juãw n-igatu-dai
 3a su-cantar-passado
 ‘João ca^ttou.’

têm como correspondentes as respectivas formas clivadas:

11) b. juãw s-âc-tibe kahu-odai
 paciente-chegar-part. pas. carro-dentro
 ‘Foi João que chegou de carro.’

12) b. juãw t-igatu-ne
 agente?-cantar-agente
 ‘É João que está cantando.’

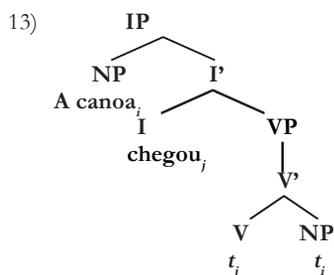
Estruturas clivadas como essas expressam morfologicamente o movimento de extração. Se o elemento extraído for um argumento com papel de paciente-tema, o verbo vem marcado com os afixos -(t)ibe (-tibe; -dibe ∞ -dibe)⁴, ao lado da dupla concordância (exemplo 11b).

³ Já o sujeito de verbo transitivo pode aparecer em duas posições: SOV e OVS. A ocorrência dessas duas posições não é livre de restrições. A estrutura SOV é preenchida se os SNs a ocupar a posição mais à esquerda na sentença forem categorizados como SN pleno: nome ou pronome livre de terceira pessoa. Quando o sujeito vier expresso por pronomes de 1ª ou 2ª pessoa, a ordem será, obrigatoriamente, OVS.

⁴ O sufixo -tibe é também formador de adjetivos oriundos do particípio passado.

No caso da extração ser o agente, no verbo aparecem as marcas s...-ne (exemplo. 12b).

O resultado da hipótese inacusativa, segundo a qual o verbo não pode atribuir Caso acusativo, reside na necessidade de se atender ao Filtro de Caso, prevendo-se um atribuidor de Caso externo ao VP, de modo semelhante ao que aconteceria com o argumento externo. No caso de o atribuidor ser Flexão Finita, o SN se move para o Sintagma Especificador de Flexão (IP) para receber, em Bakairi, o Caso absolutivo e para fazer parte de uma cadeia como:



O que se observa aí de interessante é o fato de o SN (NP), apesar de ser complemento, poder ser deslocado para o Sintagma Especificador de Flexão (IP), uma vez que um verbo inacusativo não tem argumento externo. Estender tal previsão para o Bakairi permite descrever satisfatoriamente o fato de o sujeito interno e o objeto direto partilharem as mesmas marcas e sustentar teoricamente que as marcas de pessoa são, na verdade, a expressão do Caso absolutivo.

A estrutura ergativa

A previsão de que a combinação de constituintes se efetue por uma junção binária entra em xeque com a oferta de estruturas com objeto duplo em frases do tipo ‘João lê com frequência para as crianças.’

O tipo de análise acima se aplica a outras estruturas do tipo ‘Maria derrubou o pote na água’ (e outras), na qual também estaria envolvida uma estrutura de predicado de três lugares. Uma solução possível, calcada na hipótese do verbo leve (CHOMSKY, 1995), está em se admitir que a expressão

‘o pote na água’ é um sintagma oracional no qual o SN ‘o pote’ funcionaria como sujeito da oração, e o PP ‘com água’ funcionaria como complemento interno da oração. Tal hipótese é plausível, considerando-se que muitos dos predicados de três lugares alternam com predicados de dois lugares, como:

14) a. *yamundo* **pepi** n-eti-ã-dai
 menino canoa 3^a ob.afundar-transitivizador-passado
 ‘O menino afundou a **canoa**’.

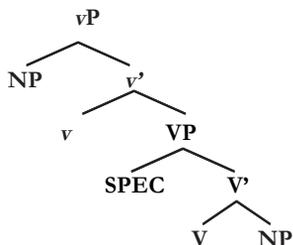
14) b. **pepi** n-eti-agi
 canoa 3^a afundar-passado
 ‘A **canoa** afundou’

15) a. *joãw* **yamundo** n-eka-nã-dai banku wâga
 menino 3^a ob-sentar-trans.-pas banco-em.
 ‘João sentou o **menino** no banco’

15) b. **yamundo** n-eka-dai banku wâga
 menino 3^a-sentar-passado banco-em
 ‘O **menino** sentou no banco’

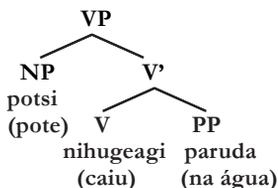
Verbos alternantes como esses são chamados, na literatura, de pares ergativos-causativos. Nos exemplos acima, os SNs em negrito desempenham, nas duas estruturas, o mesmo papel temático, o de tema. Levando-se em conta que os princípios da gramática universal correlacionam estrutura temática com estrutura sintática de maneira uniforme e sistemática, conclui-se, de imediato, que dois argumentos com o mesmo papel devem obrigatoriamente partilhar uma mesma posição sintática, razão pela qual se admite que os sintagmas em negrito nas estruturas (14a) e (15a) são gerados como sujeito do verbo. Conseqüentemente, teríamos para as estruturas (14b) e (15b) a previsão de predicados simples, e para as estruturas (14a) e (15a) a oferta de predicados com VPs duplicados, formando uma concha v-VP, como em

16)



A partir da estrutura (16), em exemplos como ‘Maria derrubou o pote na água’ o verbo ‘derrubou’ junta-se ao complemento PP (na água) para formar a projeção intermediária V-linha (V’). Em seguida a esse movimento, a projeção intermediária se junta ao SN-sujeito ‘o pote’ para formar um VP com a seguinte estrutura:

17)



Quanto à estrutura em (14a) e (15a), a saída está em se considerar que, depois de realizada a estrutura em (17), o VP se junta a um verbo leve, isto é, um verbo nulo cuja interpretação semântica corresponde a de um verbo causativo ‘fazer/causar’, de modo que uma sentença como a (15a) venha a ter uma interpretação semelhante a de um verbo causativo: ‘João fez o menino sentar no banco’.

Uma previsão como essa, além de trazer argumentos significativos para a análise do Bakairi, encontra na língua evidências a favor da mesma: observe-se que os exemplos acima (14a) e (15a) são, na verdade, estruturas transitivizadas. Fatos que, por um lado, sustentam a hipótese de um verbo leve de conteúdo semanticamente nulo, por outro, a de que esse tipo de verbo funcionaria como um afixo que obriga o verbo em questão (‘cair’, por exemplo) a se juntar a ele, através do movimento de V até v, gerando uma estrutura alternativa com VPs duplicados (cf: 16). O que de interessante se verifica em Bakairi é que essa não seria uma estrutura materialmente abstrata (como em português), já que a presença de um causativizador e/

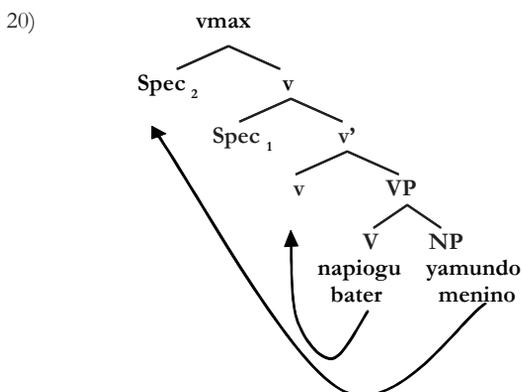
ou transitivizador tem aí uma realização morfológica. O retorno dessas previsões para a língua permite explicar, em âmbito sintático, o porquê da mesma distribuição de marcas para o sujeito de verbo monoargumentais e do objeto/paciente, reafirmando tais marcas como marcas de Caso absoluto. Em termos de configuracionalidade, ambos os argumentos - sujeito de verbo intransitivo e objeto - ocupam a mesma posição uma vez que, com a estrutura em concha, lida-se com vários especificadores que podem ter diferentes movimentos, saindo do VP e indo ou para a posição de sujeito ou para a de objeto.

Quanto à hipótese do verbo leve abstrato, essa, segundo Chomsky (1995), pode ser estendida a qualquer verbo transitivo, o que nos leva também a estender tal hipótese em Bakairi aos verbos transitivos que não se originam do processo de transitivização. Sentenças como

18) maria aroi s-eka-dai
 arroz 3ª ob-pedir-passado
 'Maria pediu arroz.'

19) maria yamundo n-apiogu-agi
 menino 3ª ob-bater-passado
 'Maria bateu no menino.'

teriam como representação a seguinte estrutura



A configuração em (20) prevê alguns fatos em Bakairi. A oferta de múltiplos especificadores atenderia à ordem SOV em Bakairi, pois o verbo transitivo é gerado interno ao VP mais encaixado e, em função do traço

forte do verbo leve (v), é elevado para o núcleo VP mais alto. O verbo leve agentivo (\emptyset) significa “causar/fazer a ação de”, mas a distinção entre os dois tipos de verbos transitivos reside na possibilidade de alternância das estruturas SOV/SV nos verbos ergativos, como nos exemplos (14) e (15), fato que não se verifica com os demais transitivos.

Considerando-se que todo esse funcionamento das estruturas transitivas descreve a atribuição de Caso ao argumento interno, resta para o sujeito transitivo a previsão de um Caso inerente. Quando há insuficiência do mecanismo ativo para licenciar todos os nomes com Caso, dizemos que os nomes estão em conflito por Caso, situação em que se prevê o Caso inerente, visando a atender ao Filtro de Caso.

Conclusão

A análise acima descrita vem revelar, de imediato, que as marcas de pessoa no verbo não se comportam como afixos de flexão ordinária na língua. Vinculada às propriedades configuracionais da sentença, a presença dessas marcas tem um papel a ser desempenhado nas relações estruturais de Caso.

No âmbito sintático, registra-se uma clara ressonância desse sistema de marcadores de pessoa no verbo. A expressão da absolutividade em termos de configuracionalidade, além de reafirmar a relação de Caso absolutivo, garante a integridade do VP, estrutura na qual os argumentos internos (comumente chamados de S e P) atendem ao princípio de atribuição de Caso, satisfazendo o filtro morfológico. Quanto ao argumento externo (A), este ocuparia uma posição periférica, fora de S (cf. SOUZA, 1994), espelhando, possivelmente, o comportamento de um tópico gerado na base.⁵

O reflexo imediato dessas relações estruturais acaba por estabelecer uma série de restrições à expressão da co-referencialidade entre os argumentos de natureza diferente. O estudo amplo da co-referencialidade se dará com o andamento da pesquisa.

Ao lado dos padrões de co-referencialidade, a alternância ergativo-causativo é outra fonte de evidência para a primazia do Caso absolutivo na língua. Verbos inergativos causativizados implicam a presença de um novo morfema no verbo para a projeção de um argumento externo agente.

⁵ Este último fato será discutido com mais detalhes em trabalho próximo.

O conjunto desses aspectos - de ordem estrutural - aqui arrolados permite, por fim, falar da presença de um núcleo funcional v-zinho (*light v*) relacionado à transitividade das sentenças da língua. A configuração estrutural estabelecida entre o argumento interno do verbo e o núcleo v-zinho é criada para a checagem de traços. Assim, as propriedades da transitividade do núcleo v-zinho explicam a proeminência sintática dos argumentos absolutivos em Bakairi.

Diferentemente do que tem sido apresentado em favor da descrição de ergatividade e sintaxe em línguas Karib, o exame do Bakairi vem revelar que a configuração de uma língua sintaticamente ergativa pode está definida fora do âmbito das marcas nominais de Caso e alheia a um movimento de intransitivização (a antipassiva). A sintaxe ergativa se diz na sintaxe, esta, no caso, constituída num princípio canônico e preservando todo o tempo a estrutura argumental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPISTRANO DE ABREU, J.C. Os Bacaerys. **Revista Brasileira**, 1ºano, Tomos III e IV, Rio de Janeiro, p. 209-228 , 1895.

CHOMSKY, N. **A Minimalist Program For Linguistic Theory**, Cambridge: The MIT Press, 1995.

SOUZA, T.C.C. **Discurso e Oralidade – Um estudo em língua indígena**. 1994. 453p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

WILLIAMS, E. Predication. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v.2, n.1, p. 203-238, 1980.

Recebido em julho de 2006.

Aprovado para publicação em novembro de 2006.

Publicado em dezembro de 2006.

SOBRE A AUTORA

Tania Conceição Clemente de Souza é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Realizou estágio de Pós-doutorado na Université Paris 7. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lotada no Setor de Linguística do Museu Nacional, centro onde desenvolve pesquisa com línguas indígenas desde 1981; líder do grupo de pesquisa *Língua e discurso: questões metodológicas sobre o ensino de língua* (CNPq/UFJF) e membro do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas: Fonologia, Gramática e História* (CNPq/UFRJ); autora de vários artigos publicados em livros, em revistas especializadas e em anais de eventos.

Temas de pesquisa: análise do discurso, discurso e imagem, análise do não-verbal, descrição e análise das línguas Tapirapé (Tupi) e Bakairi (Karib).

E-mail: taniacclemente@yahoo.com.br